

Revista **MONXORÓS**

Ano 2, Nº 03, V. 01, 2025

ISSN: 2966-0017

[RESENHA]

BOURDIEU, Pierre. Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

Raquel Moreira de Lima¹

Maria Alcicleide Ribeiro Sousa²

INTRODUÇÃO

Pierre Bourdieu (1930–2002) foi um sociólogo e filósofo francês, docente na École de Sociologie du Collège de France, amplamente reconhecido como um dos pensadores mais influentes do século XX no campo das ciências sociais. Suas obras são marcadas pela análise das estruturas sociais e das relações de poder que influenciam as práticas culturais e as interações humanas. Bourdieu desenvolveu conceitos fundamentais, como capital cultural, capital científico e campo, para explicar como as desigualdades são perpetuadas na sociedade e na produção de conhecimento.

¹ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Campina Grande/PB (UFCG). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/RN (PPGCISH/UERN). E-mail: raquelmlimapsi@gmail.com.

² Graduada em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Mestranda no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais e Humanas da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte/RN (PPGCISH/UERN). Email: p.sousamariaribeiro@gmail.com

Alguns desses conceitos aparecem na obra publicada em 2004, intitulada “Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico”, produzida a partir de uma conferência dada em 1997 ao Instituto Nacional de Pesquisa Agronômica (INRA) na França.

Nesta conferência, Bourdieu (2004) reflete sobre a lógica do campo científico, especialmente no contexto do INRA, destacando como a ciência se organiza em campos e interage com os contextos sociais mais amplos, sobretudo os fatores que influenciam a margem de autonomia do campo científico. Qual o papel dos usos sociais da ciência no enfraquecimento ou construção da autonomia científica? Esse questionamento resume alguns dos principais pontos articulados por Pierre Bourdieu em sua conferência.

Bourdieu (2004) começa sua análise discutindo duas abordagens para compreensão das relações de poder na produção do conhecimento científico: uma interna e outra externa. Ele observa que essas perspectivas refletem uma dualidade presente no campo científico, e dizem respeito às pressões exercidas dentro e fora da produção científica. O autor declara que seu objetivo é promover uma autoanálise coletiva do campo científico, começando pela definição de “campo”. Para ele, o campo é um universo intermediário entre as compreensões internas da ciência (que estão ligadas aos produtos da ciência dentro de contextos internos, como instituições) e as compreensões externas (que relacionam os objetos da ciência ao contexto social mais amplo).

Esse conceito de campo como um universo intermediário confere à ciência certo grau de autonomia, permitindo-lhe escapar tanto da ciência pura, completamente desvinculada das demandas sociais, quanto da ciência escrava, submetida às pressões externas, como fatores políticos e econômicos. A autonomia de um campo, para Bourdieu (2004), é determinada pela sua capacidade de refração, isto é, pela habilidade de refletir e modificar as pressões externas sem se submeter a elas de forma total.

Bourdieu (2004) examina a dinâmica entre dois polos opostos na produção do conhecimento científico: um que busca a pureza científica, livre

das influências externas, e outro que se submete completamente às demandas políticas e econômicas. A luta entre esses dois polos reflete um dos paradoxos dos campos científicos, já que, embora esses campos se considerem autônomos, estão sempre sujeitos às pressões externas, como o financiamento, demandas sociais, etc. Para Bourdieu, a autonomia está diretamente ligada à capacidade do campo de resistir a essas pressões e se auto organizar.

Dentro do campo científico, existe uma estrutura objetiva das relações entre os agentes, que antecede os próprios indivíduos e determina o que é possível ou não realizar. A posição dos agentes dentro dessa estrutura de poder é fundamental para compreender suas ações e perspectivas. Esses agentes (indivíduos ou instituições) são influenciados pela distribuição do capital científico, que confere poder e influência, seja dentro do campo científico ou em relação ao contexto social mais amplo.

Para Bourdieu (2004), o capital científico vai além do prestígio acadêmico e do reconhecimento, ele é também um elemento de poder dentro da estrutura social e política. O capital simbólico está diretamente relacionado ao reconhecimento do conhecimento e à consagração de um indivíduo ou instituição dentro do campo científico. Esse capital pode ser temporal, político e institucionalizado (associado a posições em instituições científicas), ou mais específico, ligado ao prestígio pessoal e científico de um agente.

A luta por capital científico é uma luta entre forças dentro do campo, onde diferentes formas de capital são disputadas. A acumulação do capital científico "puro", que está ligada à inovação e ao avanço do conhecimento, é frequentemente alvo de críticas, enquanto o capital institucionalizado, que se baseia na manutenção das estruturas existentes, se consolida com maior facilidade. Isso revela uma tensão entre a busca pela inovação e a necessidade de garantir a continuidade das estruturas estabelecidas.

O conceito de autonomia, para Bourdieu (2004), também está diretamente relacionado à distribuição do capital no campo científico. A autonomia de um campo científico é determinada pela sua capacidade de agir

de forma independente, mesmo frente às pressões externas e internas. A dualidade de poderes no campo científico é evidente: aqueles que têm mais poder político frequentemente não são os mais prestigiados cientificamente, mas sim aqueles que têm mais tempo e recursos para atuar politicamente e estrategicamente dentro das instituições científicas. As formas de transmissão do conhecimento estão igualmente relacionadas à posição dos agentes na estrutura de poder, refletindo suas contribuições sociais e políticas.

O autor defende a autoanálise coletiva como condição essencial para a libertação do campo científico. A Realpolitik da razão, conforme evocada por Bourdieu (2004), é uma prática política capaz de atuar sobre as estruturas de comunicação dentro do campo científico, superando os obstáculos sociais que dificultam a comunicação racional e o debate esclarecido. Segundo o autor, a ciência deve ser utilizada de forma estratégica e politicamente aplicada, permitindo que os estudiosos interajam de forma mais autônoma nas questões públicas e científicas, sem se submeter completamente às demandas sociais.

Para Bourdieu (2004), a reivindicação da autonomia no campo científico é um ato político. No entanto, para que essa autonomia seja conquistada, é necessária uma desierarquização do campo, com a construção de objetivos comuns e a organização de uma luta coletiva em defesa dessa autonomia. O autor reconhece que, embora muitos campos científicos se considerem autônomos, muitos dependem do financiamento estatal, o que cria uma relação paradoxal entre autonomia e dependência externa. Ao afirmar isso, Bourdieu destaca a dualidade presente no financiamento e nas pesquisas científicas, enfatizando a necessidade de conseguir um ponto de equilíbrio que não restrinja completamente a autonomia de um campo.

Finalmente, Bourdieu nesta conferência, sugere aos membros do INRA uma união de seus esforços para desenvolver e fortalecer as especificidades de suas pesquisas, reconhecendo a dualidade de funções dentro do campo científico. A autonomia deve ser defendida por meio de uma luta coletiva, sem deixar de lado as relações de poder envolvidas na distribuição do capital

científico. Através do texto desta conferência e das reflexões de Bourdieu, é possível perceber um diálogo com propostas provocativas e fundamentais para refletir sobre o cenário científico e de pesquisa.

A abordagem crítica de Bourdieu propõe uma conversão coletiva dentro do campo científico, onde os preceitos, procedimentos e métodos devem facilitar a prática acadêmica, promovendo a coletivização de ideias e a construção de um novo dispositivo dentro da ciência. Isso não se trata apenas de pensar as ciências sociais para além de suas nuances, mas de reestruturar as próprias bases da ciência, considerando seus capitais, suas influências externas e suas estruturas internas.